DISPERSÃO DEMOGRÁFICA NAS PERIFERIAS DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE[1]

Ralfo Matos[*]
Cássio F. Lima[**]
Fernando G. Braga[**]

Introdução

O município de Belo Horizonte, em face dos níveis de saturação da ocupação urbana, não conta com espaços de expansão há muito tempo, e mesmo a construção vertical tem se expandido lentamente há mais de uma década.

A conurbação com municípios vizinhos justificava, já em 1973, a criação da região metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) pelo Governo Federal. De lá para cá, a RMBH vem crescendo demograficamente mais que Belo Horizonte, refletindo as restrições espaciais no município-núcleo e a expansão urbana de tipo residencial e industrial em diferentes extensões da periferia metropolitana.

Em estudo anterior verificou-se, mediante a análise de dados relativos à migração de última etapa dos censos de 1980 e 1991, que as trocas populacionais intrametropolitanas indicavam o início de um processo de desconcentração demográfica (Matos, 2000). Essas trocas eram seletivas e contemplavam principalmente os municípios mais próximos de Belo Horizonte, os quais recebiam grandes contingentes de migrantes procedentes do núcleo metropolitano. Belo Horizonte passara a perder expressivos volumes de população migrante para sua periferia nos anos 70, fenômeno que ganhou mais desenvoltura no período 1981/1991. Em outras palavras, em 1980 o diferencial contra Belo Horizonte era da ordem de 141.573 pessoas e em 1991 esse número ultrapassou os 213.000 migrantes, confirmando a dinâmica de desconcentração periférica na região metropolitana. Nos anos de 1980 o grau de dispersão populacional pelos municípios da RMBH aumentava sensivelmente em relação aos anos 70. Antes, praticamente Contagem e Ribeirão das Neves eram os municípios que mais recebiam migrantes procedentes de Belo Horizonte. Nos anos 80, além desses, outros municípios aumentam claramente suas participações como receptores, a exemplo de Santa Luzia, Betim, Ibirité, Vespasiano e Sabará que comparecem como receptores de aportes significativos.

Os dados também indicavam que mais municípios e municípios mais distantes do "Core" exibiam "saldos" positivos nas trocas com Belo Horizonte, apontando a tendência de aprofundamento do processo de periferização metropolitana.[2]

O Censo de 2000 não traz a variável que permite aferir a migração de última etapa. O quesito de data fixa, aquele que indaga sobre o nome do município em que a pessoa residia cinco anos

---

[1] *Essa artigo faz parte de pesquisa apoiada pelo CNPq,* contou com a colaboração do bolsista de graduação Glauco Umbelino *e contém tabelas e parte das análises integrantes de Matos (2003).*

[*] *Professor do Departamento de Geografia do IGC/UFMG, doutor em Demografia.*

[**] *Bolsistas do CNPq e auxiliares de pesquisa do Laboratório de Estudos Territoriais - LESTE*

[2] *Ilustrando a magnitude dos números acima referidos, os dados mostravam que o "resto da região metropolitana", quando a RMBH ainda possuía 18 municípios, recebera no período 1981/91, 477.224 imigrantes de última etapa, dos quais a imensa maioria, 91,2%, era de origem intra-estadual. Destes,*

antes, passa a ser o principal recurso com que se pode investigar as migrações internas. Com isso, diminui o volume de população migrante do período intercensitário, já que a pergunta que nomeia o município de procedência refere-se a um intervalo de cinco anos e não 10, como no caso da variável de última etapa aplicada em censos decenais.

Em seguida serão apresentados dados comparativos de fluxo e estoque de migração de data fixa do Censo de 2000 com dados de migração de última etapa do Censo de 1980 mediante o artifício metodológico de recortar os migrantes de 1980 que residiam no município há até cinco anos. A rigor, tais estoques populacionais não são, em termos conceituais, diretamente comparáveis. Entretanto, para os propósitos dessa análise, mais voltados a assinalar tendências de movimentos entre localidades geograficamente relevantes, esse recurso metodológico não compromete os resultados. Assim, nesse trabalho, migrante intermunicipal em 2000 será a pessoa que residia, cinco anos antes, em município diferente do que foi recenseado.

As comparações dos dados dos Censos 2000 e 1980, cobrem portanto um período de 20 anos, intervalo esse que pode apontar tendências que a inércia dos processos sociais não exibe em períodos menores, como os de 10 anos. Além disso, vinte anos aproxima-se de um intervalo intergeracional, algo que pode indicar de forma mais nítida a existência de quebras de inércias demográficas, apontando tendências comportamentais que vêm se afirmando.

O alongamento da periferia metropolitana

Os dados da Tabela 1 mostram que Belo Horizonte em 1980 detinha quase 50% da população da mesorregião metropolitana.[3] Em 2000 esse peso diminui 10 pontos percentuais situando-se em 40%. A taxa de crescimento próxima de 1% nesses últimos 20 anos, bem inferior a de períodos anteriores, atesta essa evidência.

Tabela 1
População residente no município de Belo Horizonte e regiões circundantes e taxa de crescimento demográfico entre 1980, 1991 e 2000.

Belo Horizonte e Regiões	População Residente			Crescimento Geométrico Anual (%)	
	1980	1991	2000	1980-1991	1991-2000
Belo Horizonte	1.780.839	2.020.161	2.238.526	1,15	1,15
Região Metropolitana Original	2.540.094	3.338.021	4.054.247	2,51	2,18
Região Metropolitana Atual	2.668.785	3.507.159	4.341.270	2,51	2,40
Mesorregião Metropolitana	3.598.468	4.620.624	5.587.808	2,30	2,13

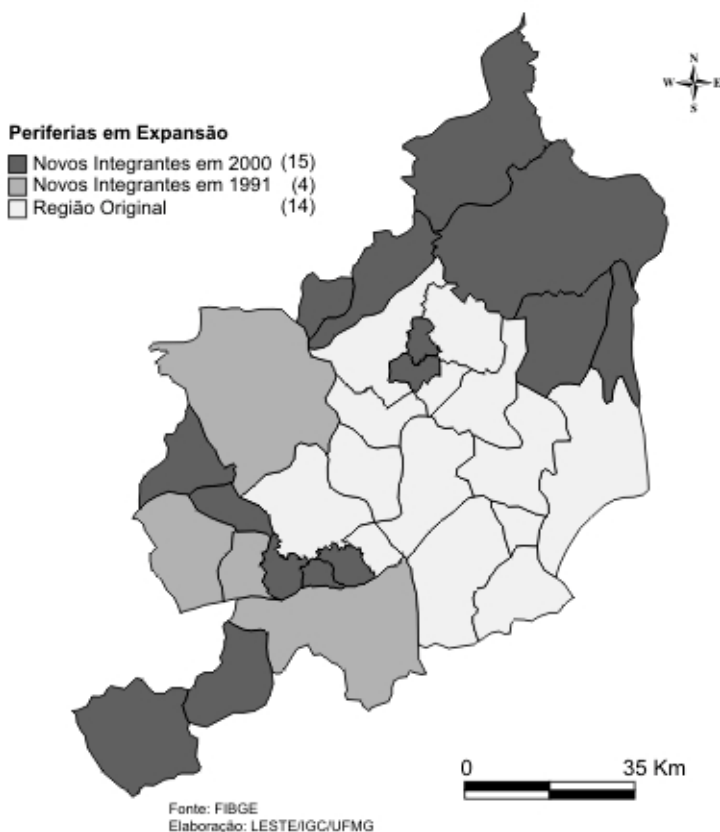
Fonte: FIBGE, Censos Demográficos. Tabulações Especiais: LESTE/IGC/UFMG

Convém observar que o fato de que a fecundidade vir declinando no Brasil inteiro há mais de 30 anos tem impactado o crescimento demográfico de todas as regiões do país. Assim, na atualidade,

pouco menos da metade, 213.292 pessoas, veio de Belo Horizonte, ou seja, 49,0%. No município de Belo Horizonte a situação mostrava-se diametralmente distinta, já que de seus 268.456 imigrantes do período, apenas cerca de 6,0% deles vieram da periferia metropolitana.

localidades só ostentam crescimento demográfico muito acima da média brasileira (1,4% a.a.) a custa de saldos migratórios francamente positivos.

O mapa da Figura 1 expõe simplificadamente a expansão recente da periferia metropolitana. Se descontadas as emancipações nos anos 90 - que comparecem internamente no mapa de evolução - verifica-se que a grande maioria dos novos integrantes estão postados à norte/nordeste e sudoeste/oeste, subespaços onde há forte presença de loteamentos de tipo popular (a nordeste) e predomínio de grandes instalações industriais e de serviços, além dos assentamentos residenciais (a sudoeste).

Figura 1
Evolução da Região Metropolitana de Belo Horizonte até o ano 2000

Emigração dispersa de Belo Horizonte na periferia metropolitana

Os dados de imigração e emigração em relação a Belo Horizonte, apresentados sob a forma de saldo na Tabela 2, consagram a tendência acima mencionada de dispersão dos fluxos de desconcentração demográfica no interior da região metropolitana. No quinquênio 1995/2000 o número de imigrantes ex-residentes de Belo Horizonte ultrapassou 123 mil pessoas, mostrando-se tão ou mais significativo que vinte anos antes. Esse dado é particularmente relevante, ao se considerar que os estoques de migração de última etapa, por absorverem crianças de até cinco anos, são teoricamente

[3] *Subespaço definido segundo regionalização do IBGE que instituiu as meso e microrregiões geográficas.*

maiores que os de data fixa vista. Assim, os números do quinquênio 1995-2000 superiores aos 116.952 do período 1975-1980 revestem-se de importância.

Por outro lado, as evidências resultantes dos dados relativos ao ano 2000 indicam que aumenta sobremaneira o número de municípios que receberam imigrantes procedentes de Belo Horizonte, se comparados com os diferenciais do período 1975/1980. Contagem e Ribeirão das Neves continuam sendo as principais áreas receptoras de emigrantes do Core, embora as magnitudes demográficas venham diminuindo. Já os municípios de Betim, Santa Luzia, Ibirité, Vespasiano aumentaram seus ganhos nas trocas com Belo Horizonte, juntamente com diversos outros, a exemplo de Esmeraldas, Nova Lima, Lagoa Santa, Mateus Leme, Pedro Leopoldo e Brumadinho.

Tabela 2
Trocas populacionais entre Belo Horizonte e os municípios integrantes da Região Metropolitana, ordenados segundo maiores perdas populacionais – Períodos 1975-1980 e 1995-2000

Municípios principais e Resto da RMBH	Diferenciais Imigração/Emigração	
	1975-1980	1995-2000
Contagem	-50.012	-23.879
Ribeirão das Neves	-29.348	-27.931
Betim	-8.398	-13.044
Santa Luzia	-9.701	-12.298
Ibirité	-6.550	-10.251
Vespasiano	-2.184	-6.514
Sabará	-9.015	-5.801
Esmeraldas	341	-4.563
Nova Lima	-319	-2.880
Lagoa Santa	-638	-2.049
Mateus Leme	-919	-1.534
Pedro Leopoldo	-375	-1.494
Brumadinho	315	-1.136
Igarapé	-2.202	-1.096
Subtotal	*-119.005*	*-114.469*
Resto da RMBH	*2.053*	*-9.289*
Total	**-116.952**	**-123.758**

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 2000 e 1980; LESTE/UFMG (dados amostrais)

A participação dos fluxos migratórios originários de Belo Horizonte no alongamento da periferia metropolitana parece ser impressionante. Verifica-se, inclusive, a ocorrência de trocas claramente favoráveis a periferia mais recente da RMBH (9.289 pessoas), fato inexistente nos anos 70, quando tal periferia era muito mais expulsora do que receptora de população (como indica o saldo pró Belo Horizonte de 2.053 pessoas da Tabela 2).[4]

[4] *Os fluxos originários de Belo Horizonte devem possuir suas especificidades em relação aos procedentes do resto da região metropolitana, em termos de grandeza numérica e de uma certa "permeabilidade" da mobilidade. Com as fusões territoriais derivadas da conurbação dos últimos 30 anos é razoável supor que, com o passar do tempo, o imigrante procedente de Contagem, Belo Horizonte ou Betim, possua características semelhantes, não obstante as densidades técnicas e econômico-demográficas que distinguem Belo Horizonte do resto da região metropolitana. Ultrapassada a fase em que dominavam os fluxos migratórios de tipo campo-cidade, pode-se supor que a maior parte dos imigrantes possua informação e/ou experiência urbana, o que não ocorria, por exemplo, nos anos de 1950 e 1960. Assim, imigrantes que declaram Betim ou Santa Luzia como procedência podem ter a mesma experiência com o trabalho urbano que os procedentes de Belo Horizonte. É provável que grande parte desses migrantes seja formada por trabalhadores errantes em busca de oportunidades onde quer que apareçam. Todavia, há uma outra fração populacional, certamente expressiva, que discrepa da anterior por mover-*

Os dados do Anexo 1 apontam algumas tendências das migrações intrametropolitanas com origem na própria área metropolitana, indicando também o volume de emigrantes da metrópole residentes em outros municípios mineiros. A conclusão mais enfática é que, na RMBH, Belo Horizonte tem sido indiscutivelmente a principal área de emigração nos dois períodos. O resto da região metropolitana ainda se apresenta como área de imigração por excelência.[5] Além disso, os dados evidenciam a expressiva presença de migrantes procedentes de Belo Horizonte residindo em vários municípios mineiros não metropolitanos.

Ampliação da dispersão da emigração belo-horizontina

Centenas de municípios mantêm níveis de trocas significativos com Belo Horizonte há bastante tempo. Os exemplos envolvem cidades de alta centralidade tais como Ipatinga, Sete Lagoas, Divinópolis, Juiz de Fora, Conselheiro Lafaiete, Coronel Fabriciano, Montes Claros, entre outras.

Ao se comparar as trocas migratórias envolvendo Belo Horizonte no intervalo de 20 anos verifica-se que muito mais municípios comparecem com ganhos populacionais resultantes dessas trocas. Isto pode ser comprovado pelos dados mapeados na Figura 2.

Se tomarmos os municípios nos quais a migração bruta com Belo Horizonte (a soma da emigração com a imigração no intervalo qüinqüenal) foi, digamos acima de 100 pessoas, pode-se estabelecer uma medida simples que sintetize parte das trocas positivas mais significativas entre pares de municípios. O *índice de ganhos por migração bruta com BH* (I_{GBH}), representa então o quociente cujo denominador é a migração bruta relativa a BH e o numerador, a diferença entre o número de pessoas que entrou no município procedentes de Belo Horizonte e o número de pessoas que saiu do município para BH, no período.

No quinquênio 1975-1980 dos 42 municípios mineiros com mais de 50 mil habitantes, apenas dez obtiveram ganhos significativos em suas trocas com Belo Horizonte, sendo eles, em sua maioria pertencentes a região metropolitana[6]. Já no período 1995-2000 dos 59 municípios com população superior aos 50 mil habitantes, os dados registram um total de 30 com ganhos significativos nas trocas com BH. Nesse caso, além dos nove municípios da Região Metropolitana comparecem outros 21 dispersos pelas sub-regiões mineiras[7].

Os mapas da Figura 2 não só indicam visualmente quais foram os municípios protagonistas dos ganhos com Belo Horizonte nos dois períodos, como apontam as localizações relativas dos

---

se no espaço metropolitano em busca de segurança e qualidade de vida. São indivíduos que passam a residir fora do município central mantendo com ele vínculos, formais ou informais, de tipo profissional, educacional e de trabalho. Mais a frente, mediante dados dos Censos de 1980 e 2000, tentar-se-á explorar empiricamente tais hipóteses.

[5] *Na periferia recente, os movimentos inter-municipais mais intensos decorrem sobretudo do fato de serem áreas de expansão urbana, provavelmente com oferta de terrenos a preços relativamente menores e que até há poucos anos atrás eram municípios ou distritos estagnados. Os exemplos principais são Esmeraldas, Igarapé, Mateus Leme, Baldim e Rio Manso, áreas onde existem muitos parcelamentos de tipo chacreamento e condomínios fechados (e semi-fechados).*

[6] *Eram eles, Ribeirão das Neves, Contagem, Santa Luzia, Betim e Sabará. Fora da RMBH, Uberaba, Varginha, Poços de Caldas, Uberlândia, Timóteo.*

[7] *A relação em ordem decrescente de acordo com o índice de ganhos por migração bruta (IGBH) é a seguinte, estando sublinhados os nove municípios integrantes da RMBH: Ribeirão das Neves, Ibirité, São Sebastião do Paraíso, Vespasiano, Betim, Santa Luzia, Nova Lima, Sabará, Contagem, Poços de*

subespaços que vêm ampliando expressivamente suas participações no processo de desconcentração demográfica derivado da emigração belo-horizontina. A saber, os espaços meridionais da região central do estado, o oeste mineiro, municípios do sul e do triângulo. As regiões a leste, noroeste e norte do estado continuam mantendo as características de áreas de expulsão populacional, embora em níveis muito menores que no passado.

A disparidade entre os dois mapas é bem evidente. Em outras palavras, até 1980 havia muito mais localidades perdendo população para Belo Horizonte (336) do que mais recentemente (no quinquênio 1995/2000), quando tanto o número de localidades perdedoras diminuiu sensivelmente como a intensidade das perdas declinou. Antes, conforme o primeiro mapa da Figura 2, o IGBH negativo, maior que 50%, absorvia 239 municípios. Em 2000, esse índice negativo com valores acima de 50% incorporava apenas 52 municípios.

Migração pendular e considerações finais

O processo de expansão de grandes cidades geralmente produz exclusão e segregação. Belo Horizonte não foge a essa regra. Entretanto, há um outro mecanismo que a expansão de áreas metropolitanas internaliza, e que pode ou não traduzir segregação e exclusão de forma direta ou conjugada. Esse processo ocorre por força do que denominamos redistribuição demográfica por contingências geográfico-funcionais.[8] O mercado explora tais contingências e produz segregação, por exemplo, quando expande a oferta de condomínios fechados.

Entretanto, uma característica importante do processo de redistribuição demográfica é a produção de periferias que mantém vínculos de articulação com o núcleo metropolitano. São periferias que se difundem, grosso modo, por anéis concêntricos. Nelas alojam-se tanto investimentos econômicos que requerem maiores espaços, tais como indústrias e depósitos de armazenagem, quanto assentamentos residenciais densos dirigidos aos segmentos de baixa renda ou mesmo condomínios residenciais de baixa densidade voltados às classes média e alta.

Os dados censitários não permitem examinar tais questões separando essas destinações espaciais. Uma aproximação estatística sobre tais questões pode ser feita mediante o uso de dados relativos aos movimentos pendulares na região metropolitana em 1980 e 2000. A idéia é que populações de baixa ou alta renda residentes em municípios periféricos podem estar trabalhando ou estudando fora do município, utilizando-o como município dormitório. Isto é particularmente relevante ao se focalizar os imigrantes provenientes de Belo Horizonte. A pergunta é qual a proporção

---

Caldas, Pedro Leopoldo, Sete Lagoas, Pará de Minas, Patrocínio, Formiga, Varginha, Alfenas, Passos, Paracatu, Divinópolis, Uberlândia, Unaí, São João del Rei, Pouso Alegre, Patos de Minas, Ubá, Uberaba, Araxá, Itajubá e Juiz de Fora.

[8] Tais contingências referem-se à localização geográfica relativa dos assentamentos residenciais derivada da proximidade de vias expressas e grandes equipamentos e se traduzem pela: a) contiguidade "topológica" entre áreas; b) acessibilidade e proximidade com nucleações centrais; c) atributos paisagísticos e declividades topograficamente favoráveis a expansão horizontal; d) proximidades com subáreas especializadas e/ou segregadas do tecido urbano.

da população economicamente ativa entre os que saíram de Belo Horizonte continuam mantendo vínculos com a cidade e se há alguma tendência digna de nota nesses movimentos?

Os dados da Tabela 3 e o mapa da Figura 3 permitem concluir que aumentou expressivamente a proporção de emigrantes de Belo Horizonte no resto da RMBH, no período 1975/80-1995/00, com vínculos funcionais com o “Core”. Os municípios nos quais esse aumento foi mais expressivo foram principalmente Esmeraldas, Vespasiano, Mateus Leme, Caeté, Lagoa Santa e Matozinhos. Quatro desses municípios são lugares onde têm se expandido fortemente a oferta de condomínios fechados (e semi-fechados) nos últimos 20 anos. Vespasiano, e outros municípios, onde predomina a população de baixa renda, como Matozinhos, Ibirité, Sabará, Contagem ou Ribeirão das Neves o incremento também foi importante, mas bem inferior aos casos anteriores.

Tabela 3
Proporção de imigrantes procedentes de Belo Horizonte que trabalham e/ou estudam na capital – municípios periféricos da RMBH

Municípios Significativos	1975/1980 (última etapa)	1995/2000 (data fixa)
Betim	7,06	19,28
Brumadinho	15,99	30,09
Caeté	3,07	19,37
Contagem	19,25	30,05
Esmeraldas	1,32	16,37
Ibirité	17,57	79,97
Igarapé	4,41	16,30
Lagoa Santa	3,70	20,28
Mateus Leme	3,26	21,15
Matozinhos	2,86	14,74
Nova Lima	17,39	51,14
Pedro Leopoldo	6,77	13,35
Ribeirão das Neves	23,15	32,96
Sabará	26,59	39,30
Santa Luzia	20,17	34,14
Vespasiano	8,30	62,79

Fonte: Censos Demográficos; dados amostrais
Notas: Os dados dos municípios emancipados na década de 1990 foram reaglutinados aos municípios geradores. Ibirité agrega dados de Mário Campos e Sarzedo; Mateus Leme agrega os de Juatuba; Igarapé, de São Joaquim de Bicas; Vespasiano, de São José da Lapa; Lagoa Santa, de Confins.

Dados não mostrados indicam que a grande maioria dos emigrantes mantém vínculos de trabalho com Belo Horizonte, não de estudos. Se muitos são emigrantes de classe média em número significativo, que saíram deliberadamente da Capital, provavelmente o fizeram em busca de segurança e amenidades. Devem utilizar intensamente o sistema rodoviário intrametropolitano, demandar por serviços de tipo moderno nos municípios periféricos receptores, gerando impactos pouco mensurados.

Adicionalmente, convém salientar que diversos municípios, além dos mais populosos da RMBH, tornaram-se protagonistas do processo de redistribuição da população regional derivado da emigração belo-horizontina. Os dados censitários sugerem que Belo Horizonte não só funciona como área de entrada e saída de migrantes pobres com baixa expectativa de fixação no município, assim

como deve ter operado como agente redistribuidor/expulsor de frações populacionais de alta e média renda e dos que perderam a condição de permanência na grande cidade.

Figura 3

Proporções significativas* de imigrantes que trabalhavam ou estudavam na capital, entre os procedentes de Belo Horizonte. 1975-80 e 1995-2000

As causas que presidem a distribuição e redistribuição da população no espaço são muitas e dinamicamente interdependentes. Geralmente obedecem à lógica de acumulação do mercado imobiliário que explora o que denominamos de “contingências geográfico-funcionais”, produzindo segregação e fragmentação do tecido urbano.

Finalmente, não se pode desconhecer que em Belo Horizonte o crescimento demográfico tem sido negativo em vários subespaços da cidade. Mesmo nas favelas o crescimento demográfico mostra-se muito baixo. Essas evidências são explicadas pela redução das taxas de fecundidade (provavelmente situando-se hoje abaixo do nível de reposição) e pela saída de milhares de pessoas para a periferia metropolitana. A cidade perdeu população por emigração, mas a remigração deve ter sido também muito expressiva. Nesse processo, predomina a saída de famílias de baixa renda, não obstante a presença expressiva de estratos de renda média e alta que vêm se dispersando pelas

periferias da RMBH. Tudo indica que as classes médias se espraiaram em assentamentos horizontais e verticais por um amplo espaço territorial, ocupando áreas extensas de municípios vizinhos onde também proliferam assentamentos residenciais de baixa renda, como sugere a análise dos dados sobre pendularidade.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, J.A.M. **Estimativas indiretas e dados sobre migrações**; uma avaliação conceitual e metodológica das informações censitárias recentes. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas, v. 2, n.1, p.31-73, jan/jun, 1985.

COELHO, A.L.N. et. al. **A reversão do comportamento migratório mineiro: um desafio ao planejamento**. **Fundação JP**: análise e conjuntura, Belo Horizonte, v. 12, n. 3/4, p. 46-88, mar/abr, 1982.

CUNHA, J. M. P. **Migração intrametropolitana em São Paulo**: características de um fenômeno multiface. In: VII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 1980, Caxambu. **Anais ...** São Paulo: ABEP, 1990, v.1, p. 489-519.

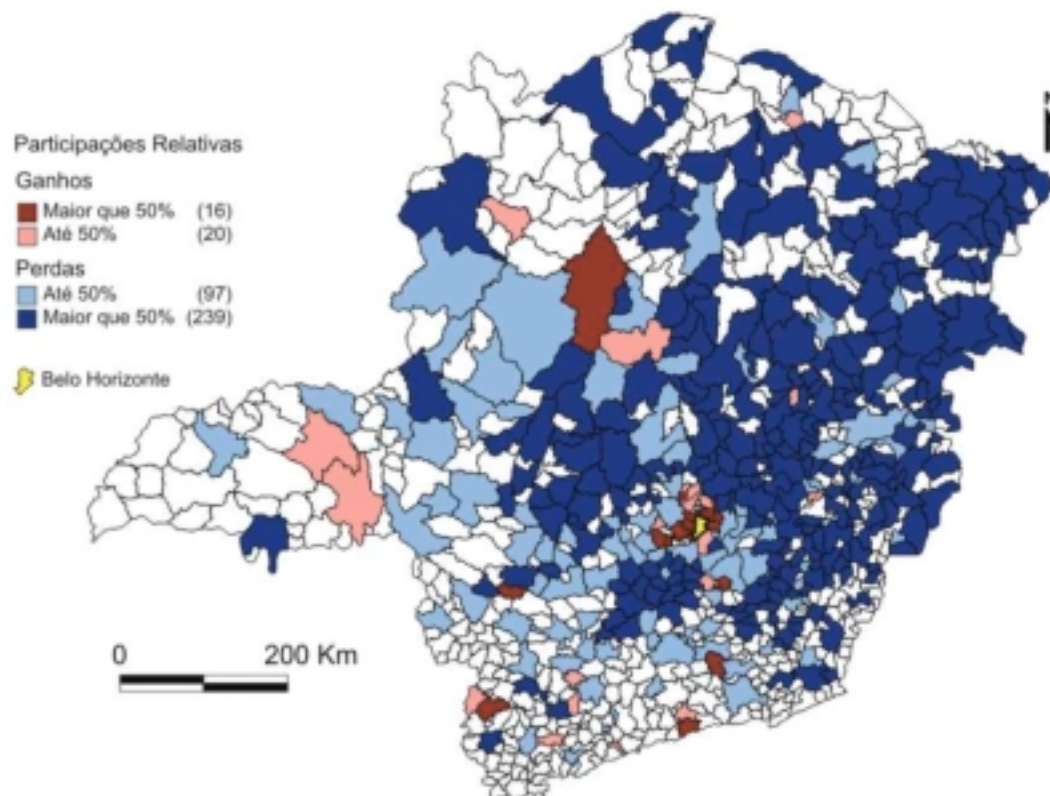
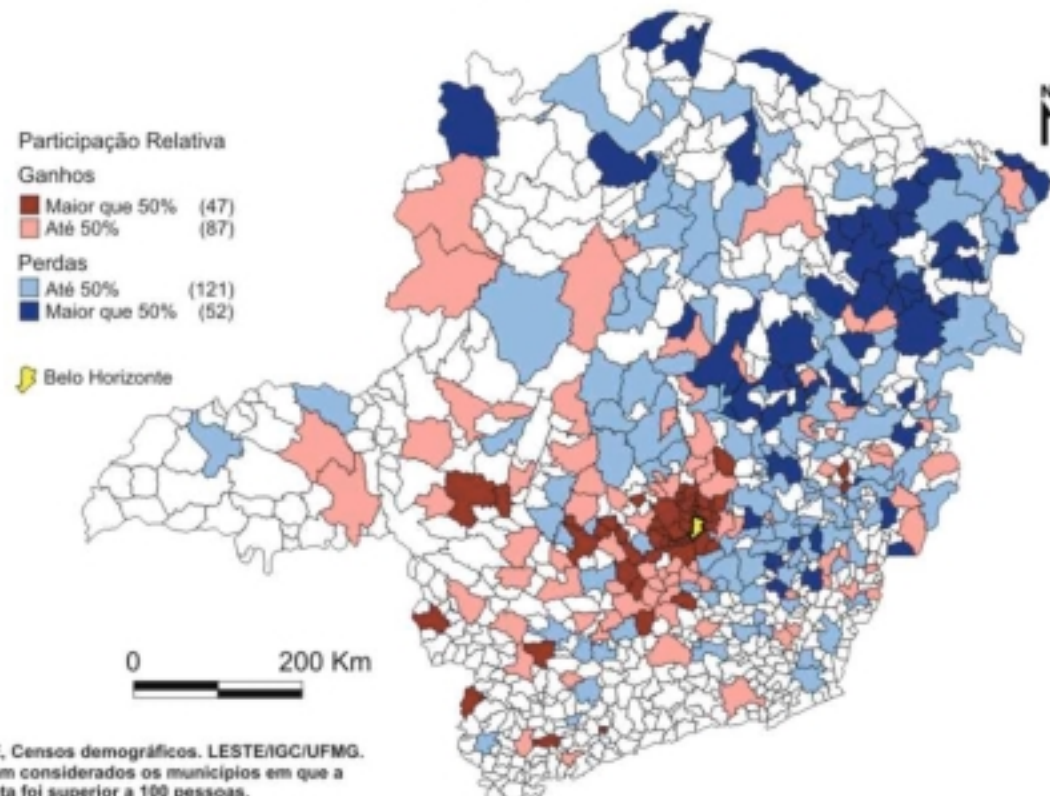
IBGE, Rio de Janeiro. **Regiões de influência das cidades**. Rio de Janeiro, (co-patrocínio do Ministério da Habitação e Urbanismo), 1987.

MATOS, R.E.S. "**Questões teóricas acerca dos processos de concentração e desconcentração da população no espaço**". In: Revista Brasileira de Estudos Populacionais. São Paulo, 1995, p. 35-58.

____________, "**Migração em Belo Horizonte; desconcentração espacial e exclusão**". In: Geografia. Rio Claro. V. 21 (1), 1996, p. 154-173

____________, "**Desconcentração espacial e processos de exclusão da população migrante de Belo Horizonte de Belo Horizonte**". Anais do VIII Encontro da Associação Nacional de Centros de Pesquisa e Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Brasília, 1995, p. 457-478.

RICHARDSON, Harry W. **Polarization reversal in developing countries**. **The Regional Science Association Papers**, Los Angeles, v. 45, nov, 1980.

Figura 2
Proporção de perdas e ganhos populacionais (sobre a migração bruta) de municípios mineiros em relação a Belo Horizonte .

Fonte: FIBGE, Censos demográficos. LESTE/IGC/UFMG.
Nota: Só foram considerados os municípios em que a migração bruta foi superior a 100 pessoas.

Anexo 1
Imigrantes procedentes de Belo Horizonte e resto da região metropolitana residentes em municípios selecionados da RMBH (exclusive Belo Horizonte)

Municípios e conjuntos de municípios selecionados	1975/1980 (última etapa)		1995/2000 (data fixa)	
	BH	Resto da RMBH	BH	Resto da RMBH
Betim	9.396	15.732	14.557	17.039
Caeté	488	742	770	462
Contagem	52.208	58.250	29.685	7.207
Ibirité	6.960	9.556	11.093	4.553
Lagoa Santa	1.107	2.013	2.565	1.101
Nova Lima	1.443	1.829	3.324	846
Pedro Leopoldo	1.078	2.501	1.952	1.353
Ribeirão das Neves	29.650	31.735	29.445	8.016
Sabará	10.141	10.971	6.916	1.519
Santa Luzia	10.397	12.171	13.834	3.680
Vespasiano	2.614	3.708	7.130	2.275
Raposos	221	518	108	181
Rio Acima	50	115	209	202
Metropolitana Original	*125.753*	*149.841*	*121.587*	*48.434*
Brumadinho	888	1.238	1.642	790
Rio Manso	20	64	70	139
Esmeraldas	303	554	4.780	5.663
Igarapé	2.471	3.677	1.270	1.704
Mateus Leme	1.259	1.834	1.632	1.317
Matozinhos	735	2.203	1.136	825
Baldim	80	102	315	204
Capim Branco	292	538	202	271
Confins	-	-	150	195
Florestal	124	272	196	177
Itaguara	83	231	122	76
Jaboticatubas	205	346	467	374
Juatuba	-	-	1.147	1.674
Mário Campos	-	-	998	696
Nova União	23	76	69	142
São Joaquim de Bicas	-	-	1.382	1.642
São José da Lapa	-	-	1.435	772
Sarzedo	-	-	2.208	1.213
Taquaraçu de Minas	46	97	150	103
Metropolitana Atual	*258.035*	*310.914*	*262.545*	*114.845*
Demais municípios mineiros	*48.183*	*72.605*	*66.006*	*37.766*
Total	*306.218*	*383.519*	*328.550*	*152.611*

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 2000 e 1980; Tabulações Especiais LESTE/UFMG (dados da Amostra)
Nota: alguns dos municípios sem informação em 2000 inexistiam em 1980.